

ANA MARQUES
E MANUEL PORTELA¹

Representação
e análise da receção
crítica do *Livro
do Desassossego*
no Arquivo LdoD

¹ - Universidade de Coimbra

A interpretação dos símbolos tem uma geographia².

BERNARDO SOARES, *LIVRO DO DESASSOSSEGO*

Publicado em dezembro de 2017, após seis anos de desenvolvimento, o *Arquivo LdoD* apresenta-se atualmente através da seguinte descrição:

O *Arquivo LdoD* é um arquivo digital colaborativo do *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa. Contém imagens dos documentos autógrafos, novas transcrições desses documentos e ainda transcrições de quatro edições da obra. Além da leitura e comparação das transcrições, o *Arquivo LdoD* permite que os utilizadores colaborem na criação de edições virtuais do *Livro do Desassossego*. Inclui ainda um módulo de escrita que, futuramente, permitirá aos utilizadores escreverem variações a partir dos fragmentos do *Livro*. Deste modo, o *Arquivo LdoD* combina um princípio representacional com um princípio simulatório: o primeiro consiste na representação da história e dos processos de escrita e de edição do *Livro*; o segundo consiste na possibilidade de os utilizadores assumirem diferentes papéis no processo literário (ler, editar, escrever), usando a flexibilidade do meio digital para experimentarem o *Livro do Desassossego* como máquina literária³.

O *Arquivo LdoD* encontra-se neste momento numa segunda fase, que inclui, além do desenvolvimento de novas funcionalidades⁴, uma componente dedicada ao levantamento de documentação relativa à receção do *Livro do Desassossego*, e sua integração no Arquivo. Estes documentos dividem-se em três categorias: ensaios sobre o *Livro*, prefácios de editores, e recensões sobre as diferentes edições. Com o objetivo de integrar os documentos de receção com os documentos de produção autoral e editorial, os documentos de receção foram codificados na linguagem de marcação XML-TEI. A codificação em XML permite não apenas que os textos sejam computacionalmente legíveis, mas permite também que todas as citações do *Livro do Desassossego* presentes em cada texto crítico se articulem, através de hiperligações, com as respetivas edições do próprio *Livro do Desassossego*. Assim, poderemos consultar os documentos da receção crítica e entrar no *Livro* através das citações neles presentes, identificar as passagens do *Livro* que são mais citadas, os contextos argumentativos em que são citadas e os modos como as citações são materialmente tratadas e integradas num argumento. O que se pretende é compreender como se lê

2 - https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr704/inter/Fr704_WIT_MS_Fr704a_000

3 - <https://ldod.uc.pt/about/archive>. O *Arquivo LdoD* foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação “Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego” do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra (CLP). Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CLE-LLI/118713/2010) e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (COMPETE: FCOMP-01-0124-FEDER-019715).

4 - Entre as novas funcionalidades integradas no *Arquivo LdoD* desde a sua publicação, em dezembro de 2017, destacam-se as seguintes aplicações: “Jogo de Classificação LdoD” (2018, <https://ldod.uc.pt/classificationGames>); “Citações no Twitter” (2018, <https://ldod.uc.pt/citations>); “Edição Virtual Twitter” (2018, <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-Twitter>) e “LdoD Visual” (2019, <https://ldod.uc.pt/ldod-visual>). No campo da escrita virtual foi também desenvolvida a aplicação “Máquinas do Desassossego” (2014-2018; <http://mofd.dei.uc.pt/>), embora esta não esteja ainda integrada na plataforma.

criticamente um texto, identificando os protocolos de leitura através dos quais as interpretações do *Livro do Desassossego* são produzidas. Se ao nível da representação das quatro edições principais podemos reconhecer a presença de um princípio de meta-edição, ao nível da representação das leituras críticas poderíamos falar de um princípio de metaleitura, isto é, de leitura da leitura, com o objetivo de descrever e modelar práticas específicas de leitura crítica.

As interpretações reconfiguram os textos ativando determinados elementos no seu campo de significantes e põem em prática protocolos de leitura que variam conforme as diferentes comunidades interpretativas. As comunidades interpretativas, conceito proposto por Stanley Fish em 1976, são constituídas por leitores que partilham estratégias de interpretação segundo as ideias ou a visão do mundo que caracterizam essas comunidades. Estas estratégias são dinâmicas, estão em permanente mudança e reformulação, em função de convenções socioculturais e históricas. Stanley Fish refuta a ideia de que a leitura precede a interpretação: o ato de ler e o ato de interpretar são o mesmo, porque ao ler estamos já a pôr em ação as nossas redes de referências. As estratégias de interpretação são a *forma* da leitura, e nessa medida elas produzem o texto, em vez de, como comumente se assume, emergirem dele (FISH, 1976: 481). As *fôrmas* com que damos *forma* ao mundo determinam os modos como extraímos sentido de um texto, e por isso são estratégias não de leitura, na aceção convencional do termo, mas de escrita, no sentido da constituição e atribuição das propriedades de um texto (FISH, 1976: 483). A teoria de Fish retira ao texto literário qualquer identidade inata: o texto não tem sentido em si mesmo, mas o seu sentido também não depende da subjetividade das interpretações individuais, sendo antes contingente dos horizontes das comunidades interpretativas.

A receção crítica, enquanto prática de leitura específica, consiste em processos de citação e intertextualização, de devoração de uns textos por outros. Citar significa privilegiar determinados aspetos de um texto, reconfigurando a hierarquia dos seus elementos, de forma a fundamentar uma interpretação. A seleção de citações de um texto fonte para ancorar determinadas inferências e cadeias associativas no texto do intérprete é um vestígio material do ato de leitura e do campo de forças específico com que esse ato reconstela os elementos do campo textual. A produtividade de uma leitura crítica advém quer de modelos interpretativos mais ou menos partilhados (como o marxismo, a psicanálise, o feminismo ou a desconstrução, por exemplo), quer de intenções e focos de atenção individuais. A incorporação de um texto noutra através da citação constitui um dos processos de produção de intertextualidade, isto é, de criação de vínculos explícitos entre textos⁵. É também a demonstração da iterabilidade infinita da escrita, isto é, da possibilidade de qualquer texto escrito

5 - Gerard Genette, por exemplo, define intertextualidade de forma restritiva como sendo "a presença efetiva de um texto noutra", que se manifestaria de três modos: citação, plágio e alusão (GENETTE, 1989: 10).

ser repetido e ressignificado noutra texto escrito⁶. A análise destes processos de descontextualização e recontextualização permite observar a produção de intertextualidade como expressão da dinâmica entre escrita e leitura.

Até ao momento presente foram codificados 29 textos de 19 autores, publicados entre 1982 e 2018. No seu conjunto, estes textos citam 410 trechos do *LdoD*. A partir desta amostra, foi possível constatar que há uma predominância de determinados tópicos de análise, designadamente: a psicologia de Bernardo Soares; a heteronímia e a atribuição de autoria no *LdoD*; a categorização genológica do *Livro*; a relação de Pessoa com a língua; ou a autorreflexividade na escrita pessoana. Estes (e outros) tópicos são identificáveis em determinadas passagens que são frequentemente lidas de formas distintas por diferentes autores. Num fragmento intitulado “Reconheço, não sei se com tristeza”, Jacinto do Prado Coelho e Alfredo Margarido sublinham as frases “Não me lembro da minha mãe. Ella morreu tinha eu um anno”. Ambos referem esta citação no contexto do mesmo tópico, que é a psicologia de Bernardo Soares, mas colocam a citação ao serviço de argumentos distintos: para Prado Coelho, a citação ilustra o fingimento associado à génese dos heterónimos. Para Alfredo Margarido, ilustra o que considera ser a “megalomania” de Soares. O facto de ambos os autores recorrerem à mesma citação dentro do mesmo tópico de análise – mas no âmbito de argumentos distintos – demonstra que a função semântica da citação é estabelecida pelo seu contexto, ou seja, que o sentido que lhe é atribuído é sempre localmente específico.

O fragmento “Invejo – mas não sei se invejo” é um dos mais citados, neste caso por 9 autores. Nele, a palavra “Confissões” é sublinhada por 4 autores, no contexto de 3 tópicos temáticos e de 4 argumentos distintos: Jerónimo Pizarro (2018) cita a palavra isolada ao enumerar a variedade de textos presentes no *LdoD* (confissões, metafísicas, conselhos, abdições, recordações, etc.), explorando o tópico das temáticas do *Livro*. Teresa Rita Lopes (2015) cita também a palavra isolada para estabelecer um paralelo com as *Confissões* de Rousseau, explorando o tópico da influência. Jacinto do Prado Coelho (1982) articula a palavra “Confissões” com as expressões “autobiografia sem factos” e “história sem vida”, para argumentar a favor de uma leitura biografista do *Livro*, explorando o tópico da genologia. Joana Matos Frias (2018), também no contexto da categorização genológica do *Livro*, cita todo o parágrafo que contém a palavra “Confissões” e estabelece uma relação entre as mesmas expressões que Prado Coelho destaca, mas fazendo uma leitura inversa, que é a impossibilidade de ler o *LdoD* biograficamente. O modo como esta palavra é citada permite distinguir três modalidades de enxerto da citação: a palavra isolada, a palavra articulada com outras expressões ou a citação de um parágrafo inteiro, dando destaque a palavras específicas, como acontece com a estratégia utilizada

6 - “As far as the internal semiotic context is concerned, the force of the rupture is no less important: by virtue of its essential iterability, a written syntagma can always be detached from the chain in which it is inserted or given without causing it to lose all possibility of functioning, if not all possibility of ‘communicating,’ precisely. One can perhaps come to recognize other possibilities in it by inscribing it or grafting it onto other chains. No context can entirely enclose it. Nor any code, the code here being both the possibility and impossibility of writing, of its essential iterability (repetition/alterity)” (DERRIDA, 1988: 9).

por Joana Matos Frias. Neste caso, a situação contextual da palavra destacada (“Confissões”) tende a reduzir a margem de variabilidade nas interpretações dessa palavra. Quanto mais curta a citação, maior a amplitude de sentidos que adquire na recontextualização.

O fragmento intitulado “Gosto de dizer” está também muito presente nos textos críticos, sendo citado por 10 dos 19 autores das resenhas e ensaios tratados até à data. Este fragmento foi sublinhado na sua totalidade, sendo que a frase mais citada é “minha pátria é a língua portuguesa”, a qual surge em 5 textos e no contexto de 2 tópicos de análise. Um dos tópicos é a receção do *Livro do Desassossego* nos anos 80: Joana Matos Frias (2018) cita a expressão em nota de rodapé, afirmando que esta frase tem sido “treslada e mal-amada” e que é um exemplo do modo como o *Livro do Desassossego* foi recebido nos anos 80. A citação cumpre aqui uma função ilustrativa e metonímica. O segundo tópico, que é o tópico predominante, é a língua, abordada sob 4 perspetivas distintas: Teresa Sobral Cunha e Maria Aliete Galhoz (1982) consideram a língua na sua dimensão ortográfica e citam os dois últimos parágrafos do trecho em questão, nos quais Bernardo Soares afirma a importância que atribui à ortografia, para justificar a opção editorial de não atualizar a ortografia original. No ensaio de Richard Zenith (2012), a frase é citada em articulação com outra citação (“Não escrevo em português. Escrevo eu mesmo”), para argumentar a favor da universalidade de Pessoa (sendo “tão português, consegui ser o mais estrangeiro, e universal”). Teresa Sobral Cunha (2008) cita a frase na penúltima nota que fecha a introdução à sua edição de 2008 do *Livro do Desassossego*, no contexto da crítica que tece às edições de Richard Zenith, atribuindo a esta citação uma função metonímica de toda a obra de Pessoa para se referir à importância do *Livro* enquanto património que é necessário proteger. Aqui a citação é quebrada em duas, de forma a que se adapte à formulação sintática de uma frase da autora. Este mecanismo de citação, muito frequente em alguns textos, consiste numa forma de adaptação e montagem em que citações oriundas de fragmentos distintos, e por vezes bastante distantes uns dos outros em termos da sua localização no *Livro*, são trabalhadas e integradas no discurso crítico. Finalmente, para Maria Irene Ramalho (1999), a língua é pensada enquanto espaço de projeção da identidade subjetiva. A autora cita a frase referindo-se à forma como Jorge de Sena a interpretou (para Sena, a expressão “minha pátria é a língua portuguesa” não se relaciona com patriotismo, mas antes com o facto de a identidade de Pessoa se consubstanciar na poesia). Aqui verifica-se uma citação da citação. A leitura funciona, neste caso, palimpsesticamente: a citação do *Livro do Desassossego* é feita a partir da citação de uma citação prévia, integrada no corpo de uma leitura crítica anterior.

A leitura crítica é produzida a partir do texto fonte, mas também a partir de uma crítica desse texto fonte fazendo com que o horizonte de inteligibilidade do *Livro do Desassossego* seja mediado pelos horizontes de inteligibilidade criados por essa leitura. Este processo é, de certo modo, demonstrativo da socialização da leitura e da necessidade de validação de uma nova leitura num campo de leituras produzidas por intérpretes profissionais, o que demonstra que o discurso crítico é dialógico

e intertextual, construindo-se o texto como uma constelação de referências que inclui determinados elementos da comunidade de leitores críticos. Este diálogo é diacrónico, estabelecendo ligações com autores de gerações anteriores, o que evidencia os pontos em comum que atravessam escolas e teorias distintas, aferindo os modos como determinadas escolas exerceram influência sobre escolas posteriores. Uma macroanálise que permita visualizar as redes de relações entre leitores do *Livro do Desassossego* e os seus argumentos poderá revelar não apenas determinadas afinidades quanto a estratégias de interpretação, mas também o modo como alguns argumentos migram de uns textos para outros, replicando-se e transformando-se.

Estes três grupos de exemplos estão longe de ilustrar as possibilidades levantadas pela análise dos mecanismos de citação, sendo antes meramente indicativos do trabalho em curso. Com base nesta pequena amostra, conclui-se que a integração da receção crítica do *Livro no Arquivo LdoD* permitirá identificar quais são os excertos mais frequentemente analisados e quais os contextos em que surgem, ou, por outro lado, quais são as passagens menos citadas e que refletem determinadas especificidades na interpretação do *Livro*. Podemos também perceber se diferentes autores constroem os seus textos de forma mais autónoma ou mais dependente do texto fonte (intercalando as suas palavras com palavras citadas); se privilegiam citações curtas ou longas (alargando ou reduzindo a margem de variabilidade nas interpretações); se as citações surgem isoladas, integradas em parágrafos ou associadas a outras citações, e reconhecer as redes de citações que surgem associadas entre si, seja dentro do mesmo texto fonte, seja noutros textos, incluindo textos críticos. Podemos ainda identificar as funções mais frequentemente desempenhadas pelas citações, como as funções metonímica e ilustrativa.

Mas o trabalho de análise metacrítica que estamos a iniciar não tem como horizonte a caracterização dos processos de citação, sendo este apenas um primeiro passo na direção de um estudo mais abrangente: esta análise sugere, por um lado, que é possível traçar uma história da receção do *Livro do Desassossego*, procurando, por exemplo, identificar se a leitura crítica privilegia diferentes tópicos em diferentes períodos, ou se há mecanismos de citação mais frequentes em diferentes gerações de leitores. Por outro lado, este trabalho sugere também que é possível propor uma teoria da leitura crítica, dando a ver as relações que se estabelecem entre os documentos autorais, os documentos editoriais e os documentos críticos, de forma a compreender como se constrói um argumento a partir de uma rede de referências. Se, no primeiro nível, a análise da receção crítica do *Livro do Desassossego* nos permite mapear no território textual do livro alguns dos caminhos traçados pelos seus principais intérpretes – isto é, fazer uma história da sua receção crítica –, no segundo nível, a análise permite-nos teorizar sobre a leitura crítica enquanto conjunto de práticas e protocolos destinados a construir argumentos interpretativos – isto é, fazer uma teoria da receção crítica enquanto prática particular de leitura.

Bibliografia

- COELHO, Jacinto do Prado. “Prefácio”, in Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, editado por Jacinto do Prado Coelho. Recolha e transcrição por Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. 1.^a edição. Lisboa: Edições Ática, 1982, pp. 7-23.
- CUNHA, Teresa Sobral. “Prefácio”, in Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, editado por Teresa Sobral Cunha. 4.^a edição, Lisboa: Relógio d’Água, 2008, pp. 11-42.
- LOPES, Teresa Rita. “Introdução ao(s) *Livro(s) do Desassossego*”, in Fernando Pessoa, *Livro(s) do Desassossego*, editado por Teresa Rita Lopes. 1.^a edição. São Paulo: Global Editora, 2015, pp. 21-32.
- DERRIDA, Jacques. “Signature Event Context” [1972, French original; 1977, first English translation]. *Limited Inc.* Transl. Samuel Weber and Jeffrey Mehlman. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1988, pp. 1-23.
- FISH, Stanley E. “Interperiting the *Variorum*”, *Critical Inquiry*, vol. 2, n.º 3 (1976), pp. 465-485.
- FRIAS, Joana Matos. “A dimensão do desassossego: Bernardo Soares, o menor, e a sua *epopeia pobre*”, *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 5 (2018), pp. 30-48.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos, la literatura en segundo grado*, Traducción de Celia Fernández Prieto. Madrid: Taurus, 1989 [1962].
- MARGARIDO, Alfredo. “Bernardo Soares: escrever é existir”, *Colóquio/Letras* n.º 88 (1985). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 78-87.
- PIZARRO, Jerónimo. “Livro do Desassossego”, *Ler Pessoa*, Lisboa: Tinta-da-china, 2018, pp. 141-156.
- PORTELA, Manuel e António Rito Silva (orgs.). *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 2017. Acedido a 26 de fevereiro de 2020: <https://ldod.uc.pt/>
- RAMALHO, M^a Irene. “O Desassossego, a poesia lírica e a identidade do poeta”, *O homem e o tempo (Homenagem a Miguel Baptista Pereira)*, Porto: Fundação Engenheiro António Almeida, 1999, pp. 471-495.
- TOCCO, Valeria. “Da bruma para a bruma – pela bruma: traduzir esta espécie de não livro”, *Abriu* n.º 5, Barcelona: Facultat de Filologia, 2016, pp. 13-25.
- ZENITH, Richard. “Introdução”, in Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, editado por Richard Zenith, Lisboa: Assírio & Alvim, 2012, pp. 13-39.